

## Carta do Gestor / abril 2024

### Internacional

Em meados de abril, Jerome Powell, presidente do banco central americano, o FED, antecipou que deve levar mais tempo para o início do corte da taxa básica de juros, com os preços resistindo a cair mais rapidamente, como no final do ano passado e os dados econômicos recentes impossibilitando confiar em tal decisão. Foi um mês em que os juros globais subiram, as bolsas caíram e o dólar se fortaleceu perante as demais moedas.

Em relação à zona do Euro, a agência Eurostat divulgou que a inflação do consumidor foi de 2,40% anualizada em abril, igual a março. Já a atividade econômica encerrou o primeiro trimestre do ano com avanço de 0,3% sobre o trimestre anterior, um pouco acima do esperado. Por sua vez, foi também divulgado que a taxa de desemprego em março permaneceu em 6,50%, o seu nível mais baixo.

Nos EUA, conforme o Bureau of Economic Analysis, o PIB do país cresceu 1,60% anualizados, no primeiro trimestre de 2024, abaixo dos cerca de 2% esperado. Em comparação com o trimestre anterior, diminuíram os gastos dos consumidores, os do governo federal e as exportações. Quanto às vagas de trabalho não rural, foram registradas 175 mil novas contratações em abril, quando se esperava um aumento de 250 mil. A taxa de desemprego subiu de 3,80% em março, para 3,90% em abril, de acordo com o Departamento do Trabalho. Reunidos logo no primeiro dia de maio, os membros do FED decidiram manter pela sexta vez consecutiva as taxas de juros no intervalo entre 5,25% e 5,50% a.a., com a inflação persistente e a atividade econômica e o mercado de trabalho resilientes.

Na China, foi divulgado o crescimento do PIB no primeiro trimestre de 2024, que ao atingir a marca de 5,30% anualizado, superou a meta do governo de 5% e as expectativas dos economistas ao redor de 4,60%. A taxa de inflação de abril se elevou em relação a março, mas segue muito baixa, em 0,30% anualizada.

No mercado de renda fixa, as taxas de juros dos títulos de dez anos do governo alemão, que iniciaram abril em 2,29% a.a., encerraram o mês em 2,58% a.a., já os títulos

de 10 anos do tesouro norte-americano, que no início do mês rendiam 4,21% a.a., atingiram 4,69% a.a. no final. Quanto a bolsa norte-americana, medida através do índice S&P 500, a desvalorização em abril foi de 4,16%, mas ainda acumulando alta de 5,57% no ano.



## Brasil

De acordo com o IBGE, a inflação do consumidor em abril, medida através do IPCA, subiu 0,38% ficando acima do esperado principalmente por conta dos aumentos dos preços dos alimentos e produtos farmacêuticos. No ano a inflação acumulada é de 1,80% e de 3,69% em doze meses. Em sua reunião já no início de maio, o Comitê de Política Monetária do Banco Central, o Copom, decidiu reduzir a taxa Selic pela sétima vez consecutiva. No entanto, sem unanimidade optou por uma redução de 0,25 pontos percentuais, para 10,50% a.a. No comunicado divulgado após a reunião, os integrantes avaliaram que a política monetária deve seguir contracionista até que se consolide o processo de desinflação.

No setor externo, a balança comercial do país teve em abril um superávit de US\$ 9,04 bilhões, acumulando em 2024 um resultado positivo de US\$ 27,73 bilhões. O dólar, por sua vez, apresentou valorização de 3,51% perante o real no mês, acumulando uma valorização de 3,13% em doze meses.

Quanto ao mercado de ações, o índice Ibovespa recuou 1,70% em abril, mas ainda acumulando alta de 22,35% em doze meses. O fluxo de capital estrangeiro para a B3 foi novamente negativo elevando o saldo acumulado no ano para menos R\$ 33 bilhões.

Em relação ao mercado de crédito, de acordo com informação divulgada pela Serasa Experian, em março a demanda do consumidor por crédito cresceu 6,90%, embora no ano acumule queda de 5,60%. Já a demanda das empresas por crédito, subiu 13,20% em relação ao mês anterior, acumulando ainda uma queda de 2,40% no ano.

## Perspectivas Cenário Macro

Mesmo com o dólar forte, as taxas de juros muito elevadas e importantes conflitos geopolíticos ainda sem perspectivas de solução, a economia global parece que deve seguir resiliente até que chegue o momento em que as metas de inflação sejam atingidas e mantidas, para que as taxas de juros nos países desenvolvidos possam começar a cair de forma consistente.

No Brasil a questão fiscal deve seguir causando preocupação. Recentemente, o Fundo Monetário Internacional – FMI estimou que em 2024 o déficit primário será equivalente a 0,60% do PIB, 0,30% em 2025 e só deve se aproximar do zero em 2026. Para o governo ele será zero em 2025, embora antes a previsão para o próximo ano era de um superávit equivalente a 0,50% do PIB.

Em relação ao mercado local de crédito privado, os balanços dos bancos brasileiros no primeiro trimestre têm mostrado importante recuperação do crédito concedido e redução nas taxas de inadimplência acima de 90 dias de atraso. Para Gabriel Ferreira, CEO do banco BV, que atua fortemente no financiamento de veículos, os números recentes têm mostrado que o pior momento do ciclo de crédito no país ficou para trás e apontam para um retorno gradual aos patamares anteriores à pandemia do covid 19.